

**INVENTARIANDO DECEPÇÕES: A DEVASTAÇÃO DA GUERRA EM  
TRISTE FIM DE POLICARPO QUARESMA**

Tatiana Sena<sup>1</sup>

**Resumo:** O artigo analisa os imbricamentos entre política e morte na consolidação da República no Brasil, por intermédio da trajetória, marcada pela decepção moral, do protagonista do romance *Triste fim de Policarpo Quaresma*, de Lima Barreto.

**Palavras-chave:** literatura, república, guerra, decepção

**Abstract:** This article analyzes the relationship of politics and death in the consolidation of the Republic in Brazil, through the history, marked by deception, the protagonist of the novel *Sad end of Policarpo Quaresma*, by Lima Barreto.

**Keywords:** literature, republic, war, deception

Em 1910, o escritor Lima Barreto registrou em seu *Diário Íntimo* o que parece ser o plano criativo de *Triste fim de Policarpo Quaresma*, publicado no formato de folhetim no ano seguinte. As anotações apresentam-se como tópicos a serem desdobrados, pequenos lembretes de enredo e também material de pesquisa sobre narrativas orais populares. Entre os registros, muitas vezes telegráficos, uma anotação em especial parece sintetizar o projeto criativo da obra: “Policarpo Quaresma. Ideia que mata. A decepção. O prêmio” (BARRETO, 2001, p. 1289). Uma pergunta prontamente pode ser elaborada: como deixar-se morrer em prol de uma ideia?

Como os sistemas de ideias servem de teto a diversos interesses, interpretações e aspirações, convém abandonar a pressuposição da existência de ideias “nobres”, “puras” e totalmente altruístas. A personagem Policarpo Quaresma parte de uma compreensão platônica de mundo, em que o transcendentalismo é precípuo, buscando instituir o “universal” político no Brasil. A partir de Platão, firmaram-se categorias duais que se mostraram significativamente estruturantes do pensamento ocidental, haja vista a longevidade desse discurso.

---

<sup>1</sup> Doutoranda no Programa de Estudos Literários/UFMG.

Tais dicotomias contrapõem essência à aparência, inteligível ao sensível, original à cópia, modelo ao simulacro. A desmontagem dessas categorias foi proposta por Nietzsche, sob o lema de “reversão do platonismo”. Para o filósofo Gilles Deleuze (2000), mais do que propriamente reverter, é preciso tornar manifesto a motivação do platonismo, a fim de pôr em xeque seus pressupostos. Não há dúvida que Policarpo Quaresma considera-se superior aos demais por orientar-se por ideias tidas por nobres. Parece haver também um eco do pensamento nietzscheano sobre uma aristocracia do espírito, reservando a uma pequena elite “espiritual” (leia-se intelectual) a permanência no topo da hierarquia cultural e a condução do sentido do devir humano (GIACOIA Jr., 1999).

O romance *Triste fim de Policarpo Quaresma*, de Lima Barreto, trouxe à cena uma personagem emblemática da literatura brasileira, uma figura cultural que adquiriu ampla circulação no imaginário nacional. Policarpo Quaresma, mais conhecido por Major Quaresma, foi caracterizado como um homem metódico, misantropo. A paixão pela “Pátria” guiou sua vida e foi determinante para o seu desfecho. Segundo descrições presentes na narrativa, “Policarpo era um patriota” (BARRETO, 1997, p. 13) e “antes de tudo brasileiro” (BARRETO, 1997, p. 14). Transformou-se em símbolo nacional, amplamente interpretado como o *nosso* cavaleiro da triste figura, o Quixote brasileiro.

A estrutura tripartite da narrativa acompanha os trânsitos culturais e os efeitos de saber com os quais o Major Quaresma tentou implementar, em diferentes espaços ou circunstâncias, as reformas necessárias para a Pátria. Cada parte de *Triste fim de Policarpo Quaresma* pode ser compreendida como um espaço ficcional<sup>2</sup> em que um projeto político é tentado. Na primeira parte, a cultura é vista como um local estratégico de identificação do Brasil, passível de

---

<sup>2</sup> Para o crítico literário Osman Lins (1976), a noção de espaço é muito útil para compreender *TFPQ*, em especial o espaço social, definido como “certo conjunto de fatores sociais, econômicos e até mesmo históricos que em muitas narrativas assumem extrema importância e que cercam as personagens, as quais, por vezes, só em face desses mesmos fatores adquirem plena significação”. Segundo Lins, “a luta de Quaresma, travada contra a terra, é ordinariamente empreendida contra entidades menos concretas: circunstâncias sociais, econômicas e históricas nas quais está mergulhado. A Revolta da Armada, tão importante para o seu destino e essencial no plano do romance, cria um cenário específico, inconfundível, não construído com volumes, linhas, cores, mais respirável e que nos parece necessário precisar.” (LINS, 1976, p. 74).

reconfigurações imaginárias. O malogro da iniciativa cultural conduz Policarpo Quaresma à agricultura, numa tentativa de materialização de seus ideais, marcada pelo trabalho e pela técnica agrícola na transformação das estruturas sociais do país. Em vista dos obstáculos ao projeto, o Major Quaresma apenas vê saída numa mudança política drástica, baseada num “governo forte, até à tirania” (BARRETO, 1997, p. 159). O narrador, através de uma passagem em discurso indireto livre, cuja focalização funciona praticamente como um fluxo de consciência do protagonista, sintetizou a triste trajetória de Policarpo Quaresma:

O tupi encontrou a incredulidade geral, o riso, a mofa, o escárnio; e levou-o à loucura. Uma decepção. E a agricultura? Nada. As terras não eram ferazes e ela não era fácil como diziam os livros. Outra decepção. E, quando o seu patriotismo se fizera combatente, o que achara? Decepções. Onde estava a doçura de nossa gente? Pois ele não a viu combater como feras? Pois não a via matar prisioneiros, inúmeros? Outra decepção. A sua vida era uma decepção, uma série, melhor, um encadeamento de decepções. (BARRETO, 1997, p. 254)

O crítico literário Silviano Santiago chamou atenção para esse “resumo que [serve de apoio] a qualquer leitura do romance” (1983, p. 172), pois esta dobradura sobre si da própria narrativa ajuda a compreender a postura cética assumida, ao final, pelo protagonista, de que a Pátria “certamente era uma noção sem consistência racional e precisava ser revista” (BARRETO, 1997, p. 255). O romance *Triste fim de Policarpo Quaresma* é uma re-visão da própria nacionalidade brasileira, projeto perceptível quando focalizamos a moldura discursiva do romance, que, longe de reiterar simplesmente o ufanismo de Policarpo Quaresma, procura questioná-lo. Para Santiago, é pela redundância como procedimento de construção do romance que *Triste fim de Policarpo Quaresma* põe em xeque o conceito de pátria sedimentado na cultura. Essa estratégia de redundância é um processo de tradução interna da própria obra que promove clivagens discursivas na narrativa, demarcando uma ambivalente cisão entre o discurso crítico da narração e o discurso ufanista da personagem.

A história de Policarpo Quaresma pode ser compreendida como um percurso de aprendizagem e reconstrução, pois a personagem entra em crise com seus próprios valores, permitindo-se um exercício de alteridade e abertura

a outras compreensões de devires. Policarpo Quaresma transformou a identidade cultural nacional no esteio de sua vida, impondo-se uma rígida disciplina cívica, a fim de cumprir o que se lhe afigurava como um dever patriótico. Há um questionamento visceral sobre o sentido da vida frente aos mecanismos de poder do Estado nacional. A missão que Quaresma se auto-atribui impõe-se como uma finalidade, que busca imprimir aos acontecimentos a marca de sua vontade. Contudo há muitas forças contrárias aos seus propósitos. Desde as saúvas renitentes até o Marechal Floriano Peixoto, o Major Quaresma não encontra senão recusas.

Através da ação do protagonista, podemos traçar alguns percursos de experimentação que o conduzem à experiência-limite da guerra. Policarpo Quaresma burocrata, pesquisador diletante, aprendiz de seresteiro, agricultor, combatente e carcereiro – as experiências se sucedem e o transformam. As dúvidas se tornam possíveis, deslocando a fé inabalável que Quaresma depositava na pátria e no programa reformador que “almejava” transformar o país, inserindo-se na tradição civilizadora dos que pretendiam dar “alma” à pátria. A terrível experiência da guerra traumatiza a personagem e faz com que assuma diversas indagações sobre o sentido de sua existência. O próprio Quaresma parece se surpreender acerca das trajetórias que o conduziram à prisão pelo mesmo sistema de ideias pelas quais combatera e matara compatriotas:

Como lhe parecia ilógico com ele mesmo estar ali metido naquele estreito calabouço? Pois ele, o Quaresma plácido, o Quaresma de tão profundos pensamentos patrióticos, merecia aquele triste fim? De que maneira sorrateira o Destino o arrastara até ali, sem que ele pudesse pressentir o seu extravagante propósito, tão aparentemente sem relação com o resto da sua vida? Teria sido ele com os seus atos passados, com as suas ações encadeadas no tempo, que fizera com que aquele velho deus docilmente o trouxesse até à execução de tal desígnio? Ou teriam sido os fatos externos, que venceram a ele, Quaresma, e fizeram-no escravo da sentença da onipotente divindade? Ele não sabia, e, quando teimava em pensar, as duas coisas se baralhavam, se emaranhavam e a conclusão certa e exata lhe fugia. (BARRETO, 1997, p. 252)

Em *Triste fim de Policarpo Quaresma*, “pátria” e “patriotismo” são termos que recobrem uma gama de ideias, cuja finalidade parece ser o “progresso” e a “civilização”, narrativas totalizadoras que funcionam como teleologias

racionalizantes da modernidade, visando conduzir a vida dos indivíduos. É preciso compreender a eficácia política e afetiva desses construtos, “a maneira pela qual, por intermédio de alguma tecnologia política dos indivíduos, fomos levados a nos reconhecermos como sociedade, como elemento de uma entidade social ou de um Estado” (FOUCAULT, 2010a, p. 302).

Segundo Benedict Anderson (2008, p. 34), a comunidade nacional forjou uma fraternidade que criou condições para que tantas pessoas se disponham a “morrer por criações imaginárias limitadas”, legitimando o exercício do poder da razão do Estado. Pátria e Exército, então molas propulsoras do visionário Policarpo Quaresma, esboroam-se melancolicamente no final da trama, quando a personagem revisa as decepções de sua vida, encarcerado pelo governo de Floriano Peixoto como um traidor.

A simbologia da morte na narrativa de *Triste fim de Policarpo Quaresma* torna-se mais visível quando Quaresma escreve à irmã, enquanto convalesce no hospital, depois de ferido em combate. Como Adelaide nota, a carta “tinha de sopetão outro acento; não era mais confiante, entusiástica, traía desânimo, desalento, mesmo desespero” (BARRETO, 1997, p. 239). A escrita da carta é um ponto de viragem, visto que Quaresma pela primeira vez analisa suas condutas, expõe-se através da correspondência, praticamente redigindo uma carta-confissão:

Que combate, minha filha! Que horror! Quando me lembro dele, passo as mãos pelos olhos como para afastar uma visão má. Fiquei com horror à guerra que ninguém pode avaliar... Uma confusão, um infernal zunir de balas, clarões sinistros, imprecações – e tudo isto no seio da treva profunda da noite... (BARRETO, 1997, p. 240)

Retomando as reflexões benjaminianas sobre a guerra, é possível dizer que Quaresma se percebe mais pobre de “experiência comunicável” (BENJAMIN, 1994, p. 198), após a experiência de combate na Revolta da Armada. Após ter alta do hospital, “Policarpo aceitou com repugnância o papel de carcereiro” (BARRETO, 1997, p. 247), fazendo com que os seus “tormentos d’alma” (BARRETO, 1997, p. 247) se acirrassem no exercício de tal função. Através dessa relação carcereiro-prisioneiro, o tema da consciência de si aparece, pois Quaresma quase não olhava para os marinheiros encarcerados,

porque “tinha vexame, piedade e parecia-lhe que dentre eles um conhecia o segredo de sua consciência” (BARRETO, 1997, p. 248). O narrador explicita as mudanças que se processaram na visão de Policarpo:

De resto, todo o sistema de ideias que o fizera meter-se na guerra civil se tinha desmoronado. Não encontrara o Sully e muito menos o Henrique IV. Sentia também que o seu pensamento motriz não residia em nenhuma das pessoas que encontrara. Todos tinham vindo ou com pueris pensamentos políticos, ou por interesse; nada de superior os animava. Mesmo entre os moços, que eram muitos, se não havia baixo interesse, existia uma adoração fetichica pela forma republicana, um exagero das virtudes dela, um pendor para o despotismo que os seus estudos e meditações não podiam achar justos. Era grande a sua desilusão. (BARRETO, 1997, p. 248)

É perceptível a perda de um referencial de futuro, ocasionando a drástica reavaliação do próprio passado. Quaresma “não deixou de pensar então por que força misteriosa, por que injunção irônica ele se tinha misturado em tão tenebrosos acontecimentos, assistindo ao sinistro alicerçar do regime” (BARRETO, 1997, p. 251). Deve-se entender o verbo “assistir” na dupla acepção do termo, no sentido de “presenciar” e no sentido de “prestar auxílio”. No artigo “Reflexões para os tempos de guerra e morte”<sup>3</sup>, de 1915, Freud fez uma interessante interpretação acerca da relação entre Estado nacional e morte:

Os povos são mais ou menos representados pelos Estados que formam, e esses Estados, pelos governos que os dirigem. Nessa guerra, o cidadão individual pode, com horror, convencer-se do que ocasionalmente lhe cruzaria o pensamento em tempos de paz — que o Estado proíbe ao indivíduo a prática do mal, não porque deseja aboli-la, mas porque deseja monopolizá-la, tal como o sal e o fumo. (...) O Estado exige o grau máximo de obediência e de sacrifício de seus cidadãos; ao mesmo tempo, porém, trata-os como crianças, mediante um excesso de sigilo e uma censura quanto a notícias e expressões de opinião, que deixa os espíritos daqueles, cujos intelectos ele assim suprime, sem defesa contra toda mudança desfavorável dos eventos e todo boato sinistro. Exime-se das garantias e tratados que o vinculavam a outros Estados, e confessa desavergonhadamente sua própria rapacidade e sede de poder, que

---

<sup>3</sup> Neste artigo, Freud reflete sobre a desilusão provocada pela eclosão da Grande Guerra Mundial, bem como sobre as mudanças acerca da sua compreensão da morte que esse fato ocasionou. O objeto de análise dele não é propriamente os combatentes, mas os que, não estando em combate, permaneceram conectados com a guerra, através da espera de entes queridos.

o cidadão tem então de sancionar em nome do patriotismo. (FREUD, 1996, p. 289)

Mesmo partilhando da crença patriótica, Quaresma construiu uma visão ética que o impedia de compactuar com o extermínio de presos, escolhidos aleatoriamente e levados de madrugada para o Boqueirão, ilha onde se realizavam execuções. Quaresma escreve uma carta-denúncia, endereçada ao presidente, acabando por ser preso, sem acusação formalizada, ao exercer pela primeira vez uma contraconduta ao exercício do poder do Estado. Baseando-se num imperativo ético, Policarpo parece repercutir um contradiscurso muito mais propenso a uma “política menor”<sup>4</sup> do que às grandes narrativas do poder.

O Major Quaresma conheceu de perto a lógica da violência do Estado, por isso teme pela própria vida, conforme o seguinte excerto: “era de conduta tão irregular e incerta o Governo que tudo ele podia esperar: a liberdade ou a morte, mais esta que aquela” (BARRETO, 1997, p. 253). Percebe-se a postura do Estado republicano com as ideias divergentes sobre os sentidos que a república deveria assumir no período em questão. Os extermínios e banimentos são expressão da “tanatopolítica”<sup>5</sup> em tempos de guerra. Quaresma questiona-se acerca da legitimidade governamental de Floriano Peixoto:

Era pois para sustentar tal homem que deixava o sossego de sua casa e se arriscava nas trincheiras? Era, pois, por esse homem que tanta gente morria? Que direito tinha ele de vida e de morte sobre os seus concidadãos, se não se interessava pela sorte deles, pela sua vida feliz e abundante, pelo enriquecimento do país, o progresso de sua lavoura e o bem-estar de sua população rural? (BARRETO, 1997, p. 223)

---

<sup>4</sup> A expressão é do sociólogo Maurizio Lazzarato (2006), retomando formulações de Gilles Deleuze Félix Guattari (1977), que utilizaram o termo “menor” como figura conceitual. Para esses últimos autores, uma literatura menor seria aquela cujo caráter transgressor deslocaria os padrões da literatura estabelecida. A força revolucionária da literatura menor seria decorrente da desterritorialização da língua, da ramificação do individual no imediato-político e do agenciamento coletivo de enunciação. Lazzarato está interessado numa política da multiplicidade.

<sup>5</sup> Para Michel Foucault, a tanatopolítica é “o avesso da biopolítica”, pois, segundo o autor, “sendo a população apenas aquilo de que o Estado cuida, visando, é claro, ao seu próprio benefício, o Estado pode, ao seu bel-prazer, massacrá-la” (FOUCAULT, 2010a, p. 316).

A perda da crença patriótica fez com que Quaresma percebesse a visibilidade “evidente” da razão do Estado. Para Foucault (2010b, p. 356), “o laço entre racionalização e os abusos do poder político é evidente. E ninguém precisa esperar a burocracia ou os campos de concentração para reconhecer a existência de tais relações”. Entretanto, durante quase toda sua vida, Policarpo Quaresma viveu imerso nas narrativas legitimadoras dos excessos de poder do Estado, através da retórica do patriotismo, explicitando como é difícil enxergar a racionalidade que produz as práticas e os discursos com os quais se enredam as vivências dos indivíduos nacionalizados. Em vista disso, a interpelação final de Policarpo é bastante contundente, conforme o seguinte trecho:

Iria morrer, quem sabe se naquela noite mesmo? E que tinha ele feito de sua vida? Nada. Levava toda ela atrás da miragem de estudar a pátria, por amá-la e querê-la muito, no intuito de contribuir para a sua felicidade e prosperidade. Gastara a sua mocidade nisso, a sua virilidade também; e, agora que estava na velhice, como ela o recompensava, como ela o premiava, como ela o condecorava? Matando-o. E o que não deixara de ver, de gozar, de fruir, na sua vida? Tudo. Não brincara, não pandegara, não amara – todo esse lado da existência que parece fugir um pouco à sua tristeza necessária, ele não vira, ele não provara, ele não experimentara. (BARRETO, 1997, p. 254)

A combinação contrastiva que pode ser proposta para essa reflexão existencial é com a personagem de Ricardo Coração dos Outros, pois eles escolhem objetos de amor diferenciados, mas interligados, o que permite compreender a desilusão final de ambos. Se o amor como ato, no Major, se destinou à “Pátria”, não encontrando possibilidade das realizações esperadas por Quaresma, em Ricardo, o amor à arte, mais especificamente à música popular<sup>6</sup>, apresenta-se como experiência cuja realização artística poderia ser reapropriada pelos usuários, demonstrando-se mais acessível e democratizante, ainda que apresente conexões com o discurso do amor romântico burguês.

Na cena em que uma “lavadeira preta”, duplamente “triste na sua condição e na sua cor” (BARRETO, 1997, p. 112), cantarola uma canção de

---

<sup>6</sup> O romance *TFPQ* de maneira antecipadora apresenta a impossibilidade de uma interpretação do Brasil sem levar em consideração a presença da música popular brasileira na construção do *ethos* nacional.



Ricardo Coração dos Outros, este percebe sua “missão”, por mais que sofresse com as incompreensões acerca de sua arte, já que, como José de Alencar, considerava o Brasil ingrato com ele, que teria trazido “para esta terra de estrangeiros a alma, o suco, a substância do país!” (BARRETO, 1997, p. 112). Depois de ser recrutado compulsoriamente pelo Exército, classificado como “voluntário recalcitrante, um patriota rebelde” (BARRETO, 1997, p. 196), Ricardo Coração dos Outros viveu a guerra ao lado do Major Quaresma, tanto assim que ambos se ferem no mesmo combate. Após a prisão do amigo, o menestrel também se mostra desapontado: “o mundo lhe parecia vazio de afeto e de amor. Ele que sempre decantara nas suas modinhas a dedicação, o amor, as simpatias, via agora que tais sentimentos não existiam. Tinha marchado atrás de coisas fora da realidade, de quimeras” (BARRETO, 1997, p. 260).

As decepções de Quaresma e Ricardo não decorrem de ilusões malogradas, mas sim de pressuposições falaciosas. Apesar de diferentes posturas éticas, ambos se baseiam na idealização da ideia, buscando a transcendência e o universal impossíveis na política e na arte. A concepção das personagens é distorcida por não compreenderem que a ideia é um ato de pensamento que recorta, reorganiza e reorienta elementos materiais e simbólicos, na produção de efeitos de verdade. As ideias têm força conceitual, funcionando como artefatos na compreensão do mundo. Não são supra-históricas e possuem derivas semânticas, a depender do encaixe histórico, exibindo significações diferenciadas no interior de um mesmo contexto.

Quaresma compreende as falácias da universalidade política, quando é confrontado com o terror da guerra e seus desdobramentos abusivos, pois a violência prescindem das estratégias habituais utilizadas para exercer o poder. Apenas às vésperas da morte, Quaresma faz uma autocrítica, conseguindo criticar radicalmente a política republicana, que se utilizou muito mais da violência para consolidar a forma de governo do que de estratégias de saber. Policarpo tenta abandonar o sistema de ideias com que pautara sua vida, mas ainda assim a dimensão teleológica se insinua por um último momento:

Contudo, quem sabe se outros que lhe seguissem as pegadas não seriam mais felizes? E logo respondeu a si mesmo: mas como? Se

não se fizera comunicar, se nada dissera e não prendera o seu sonho, dando-lhe corpo e substância?

E esse seguimento adiantaria alguma coisa? E essa continuidade traria enfim para a terra alguma felicidade? Há quantos anos vidas mais valiosas que a dele, se vinham oferecendo, sacrificando e as cousas ficaram na mesma, a terra na mesma miséria, na mesma opressão, na mesma tristeza. (BARRETO, 1997, p. 256)

As reflexões de Policarpo Quaresma podem ser relacionadas às considerações feitas por Walter Benjamin de que “a tradição dos oprimidos nos ensina que o ‘estado de exceção’ em que vivemos é na verdade a regra geral. Precisamos construir um conceito de história que corresponda a essa verdade” (1994, p. 226). A história de Policarpo confere uma dimensão trágica à narrativa racionalizante da república, mostrando a violência, a dor e a morte que são parte inextricável da consolidação da forma-nação republicana no Brasil.

### REFERÊNCIAS:

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Companhia das letras, 2008.

BARRETO, Lima. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. Edição crítica, Antonio Houaiss; Carmen Lúcia Negreiros de Figueiredo (coord.). 1 ed. Madrid; Paris; México; Buenos Aires; São Paulo; Lima Guatemala; San José de Costa Rica; Santiago de Chile: ALLCA XX, 1997. (Coleção Archivos: 1 ed.; 30).

BARRETO, Lima. Diário íntimo. In: \_\_\_\_\_. *Prosa seleta*. Organização Eliane Vasconcellos. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2001.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução Sergio Paulo Rouanet. 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas; v. 1).

DELEUZE, Gilles. Platão e o simulacro. In: *Lógica do sentido*. São Paulo: Perspectiva, 2000.

FOUCAULT, Michel. *Ética, sexualidade, política*. Organização e seleção de textos Manoel Barros da Mota; tradução Elisa Monteiro, Inês Autran Dourado Barbosa. 2 ed. Rio de Janeiro Forense Universitária, 2010a. (Ditos e escritos; V).

\_\_\_\_\_. *Estratégia, Poder-Saber*. Organização e seleção de textos Manoel Barros da Mota; tradução Vera Lucia Avellar Ribeiro. 2 ed. Rio de Janeiro Forense Universitária, 2010b. (Ditos e escritos; IV).

FREUD, Sigmund. Reflexões para os tempos de guerra e morte [1915]. In: \_\_\_\_\_. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996.

GIACOIA JUNIOR, O. A Crítica da Moral como Política em Nietzsche. *Humanas*, Londrina, v. 1, n. 2, p. 145-168, 1999. Disponível em: <<http://www.rubedo.psc.br/artigosb/crimornt.htm>>. Acesso em: 02 jun. 2010.

LINS, Osman. *Lima Barreto e o espaço romanesco*. São Paulo: Ática, 1976.

SANTIAGO, Silvano. *Vale quanto pesa: ensaios sobre questões político-culturais*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.